A cidade perdida de Pakbatuth

O princípio do mal

Claudio Campacci

Primeira Edição: 2024





Index

Capítulo	Página
Sinopse	09
Introdução	12
A primeira jornada à Amazônia	16
O sarcófago da princesa Shermmelah	26
Uma tragédia cósmica	36
Um início difícil no Brooklyn	42
Um terrível segredo é revelado	50
Uma grande tragédia	58
Novas revelações e mais tragédias	76
O casamento de Josephine e Peter	86
A morte nas trincheiras na Europa	95
A última batalha de Peter Taylor	105
Uma luz no fim do túnel	113
Um mar de rosas com muitos espinhos	118
Um novo e grande dilema familiar	124
Um jantar em família	134
Conhecendo o glamour de Hollywood	138
Em busca da cidade perdida na Amazônia	145
Uma notícia indigesta	153
Reflexão e Glamour	158
Uma difícil decisão	166

A expedição à cidade perdida na Amazônia 176
Um último adeus? 184
Uma fotografia e mil fofocas 191
Os últimos ajustes para a viagem 202
Uma dolorosa despedida 208
Rumo ao desconhecido na Amazônia 212
Festa à luz das estrelas 217
Encontros no Atlântico 225
Uma estrela brilha cada vez mais 231
A expedição chega a Lima no Peru 236
A princesa Shemmelah acorda 244
A intervenção Nazista 253
A descoberta da cidade perdida de Pakbatuth 265
Do glamour a sarjeta 271
Um misterioso táxi no Central Park 279
Entre lembranças e recomeços 286

Sinopse

Em 1910, uma expedição alemã na floresta amazônica faz uma descoberta extraordinária: uma cidade perdida de origem alienígena. Financiada por Dietrich Eckart, futuro pai do nazismo, a expedição revela uma princesa alienígena em estado criogênico. Transportada para Stuttgart, na Alemanha, a descoberta se torna parte de pesquisas secretas dos nazistas. Avançamos para Nova Iorque, 1923, conhecendo Josephine Parker, cuja vida é marcada por tragédias. Seu marido, arqueólogo em busca dessa civilização, desapareceu na Amazônia. Josephine, atriz e filha de Adolph Zukor, presidente da Paramount Pictures, enfrenta uma série de reviravoltas: perda da carreira, a suposta morte do marido, a custódia da filha e um colapso emocional. A narrativa segue a jornada de Josephine em busca de significado e felicidade, enquanto enfrenta as sombras do passado. "A Civilização Perdida de Pakbatuth" é uma história de superação, amor e redenção, explorando a resiliência humana diante da adversidade. À medida que a trama se desenrola, segredos são revelados, e o passado de Josephine e seu marido entrelaçam-se com eventos históricos. Misturando ficção científica, drama e romance, a obra convida o leitor a questionar o que é real e fantasia. Ao desvendar os mistérios da Amazônia e enfrentar a conspiração nazista, Josephine e seu desaparecido marido, Peter Taylor, levam os leitores a uma jornada intrigante. O livro culmina em revelações surpreendentes,

desvendando o porquê de alguns eventos históricos serem fictícios. Como os Nazistas, liderados por Adolf Hitler, queriam usar os grandes poderes da princesa alienígena que estava congelada numa câmara criogênica, para dominar todo mundo.

Uma obra envolvente, "A Civilização Perdida de Pakbatuth" transcende gêneros, oferecendo uma experiência literária emocionante, permeada por suspense, romance e a resiliência da condição humana.



Claudio Campacci

Introdução

Em 1910 uma expedição de arqueólogos alemães está na floresta amazônica no Peru a procura de uma cidade perdida que acreditam ser de origem alienígena. Toda a expedição foi patrocinada pelo político e escritor Dietrich Eckart que mais tarde seria o pai do nazismo. Eles acharam um templo perdido e lá havia sarcófago e dentro dele uma bela mulher com traços indígenas e estava viva em estado de criogenia. Apesar de ser uma região onde habitavam os incas, as inscrições no sarcófago estavam escritas em maia. Tratava-se de uma princesa cujo nome era Shemmelah. A expedição levou a grande descoberta para um local secreto em Stuttgart na Alemanha, onde Eckart patrocinava várias pesquisas secretas.
O tempo passou e nos encontramos agora no turbulento cenário de Nova Iorque em 1923, conhecemos Josephine Parker, uma jovem mulher cuja vida foi marcada por tragédias e desilusões. Com apenas vinte e três anos, ela carregava um bilhete de despedida enquanto vagava pelo Central Park. Seu calvário começou dois anos antes, quando seu marido, um arqueólogo em busca de uma civilização perdida na Amazônia, desapareceu misteriosamente, seu barco foi levado por uma correnteza desconhecida nas profundezas da floresta e caiu numa gigantesca cachoeira de um afluente do rio Amazonas. Ela era uma atriz de Hollywood que estava muito próxima do estrelato total, ela era filha bastarda de Adolph Zukor, presidente da Paramount

Pictures. Mas, ela em choque com a suposta morte do marido, resolveu largar a carreira. O governo oficializou a morte de seu esposo, deixando Josephine sozinha com uma hipoteca atrasada e prestes a perder seu apartamento. A batalha contra a depressão, que a levou a uma dependência de medicamentos. Seu pai patrocinou várias notícias falsas que todos chegaram a conclusão que ela era uma mãe negligente, custando-lhe a guarda da filha de quatro anos, Pamela, que foi entregue aos avós paternos. Para piorar a situação, ela entrou na lista negra dos estúdios de Hollywood e dessa forma, sua carreira estava encerrada.

Diante de um mundo que perdeu o brilho e de um passado que a atormenta, Josephine decidiu que nada mais faz sentido em sua vida. "A civilização perdida de Pakbatuth" é uma história emocionante de superação, amor e redenção, enquanto Josephine busca encontrar sentido e felicidade em meio às sombras de seu passado turbulento. Uma jornada através da dor e do desespero em busca da luz no fim do túnel, esta é uma narrativa poderosa sobre o poder da resiliência e da esperança. Mais que isso, há segredos que seu desaparecido marido guardou e que serão revelados no final dessa história de ficção científica com uma boa dose de drama e romance. Que segredo fantástico guardava a floresta amazônica que fez com que Adolf Hitler enviasse agentes para espionar Peter Taylor, o marido desaparecido de Josephine Parker? Esta é uma obra de ficção com a participação de alguns personagens históricos reais. Mas, no final do livro, o leitor

descobrirá por que alguns eventos históricos aqui narrados não condizem realmente com os fatos históricos reais, pois essa é uma obra de ficção.



Claudio Campacci

A primeira jornada à Amazônia

Em 1910 o político e escritor Dietrich Eckart, cujas ideias moldariam os ideais do Nazismo anos mais tarde, patrocinou secretamente uma expedição para a floresta amazônica no coração do Peru. Essa expedição foi liderada por Wilhelm Stor e Elsa Bäunler, os melhores pesquisadores alemães sobre relíquias pré-colombianas na Alemanha. Eles trabalhavam no museu de Berlin. Mas, o fato de participar numa expedição secreta em busca de uma suposta cidade alienígena, era para os dois um sonho de uma vida inteira, mesmo sabendo dos grandes perigos e desafios de desbravar uma tão temível floresta.

Depois de várias semanas de viagem de Hamburgo, na Alemanha, até Manaus no Brasil. A equipe estava pronta para ir a uma expedição que não se sabia se tinha volta. Eles optaram em ir pelo rio Amazonas no Brasil de em vez de contornar toda a América do Sul e chegar a Lima no Peru. Além de ser mais longe a rota do Peru, os membros da expedição teriam que atravessar a perigosa e quase intransponível cordilheira dos Andes. O canal do Panamá ainda estava em construção. A expedição contava com guias nativos acostumados com essa perigosa rota, homens de confiança de Eckart e os pesquisadores Wilhelm Stor e Elsa Bäunler. Depois de vários dias navegando pelo rio Amazonas rumo ao Peru. No Peru eles navegaram pelo rio Marañon com destino ao coração da floresta Amazônica no Peru.

Foram vários dias navegando sob um forte calor e uma umidade intensa.

A região amazônica de Taboa Tahuahua, às margens do rio Marañon, era uma vastidão de exuberância tropical, onde a selva densa se encontrava com as águas sinuosas do rio, formando um cenário espetacular e desafiador para os exploradores da expedição alemã. Taboa Tahuahua, uma área remota e pouco explorada, abrigava uma biodiversidade impressionante, mas também ocultava mistérios e perigos que desafiavam até mesmo os mais corajosos. O rio Marañon, uma importante via fluvial da região, serpenteava pela selva, criando um labirinto de canais e afluentes. As águas tumultuadas do Marañon eram marcadas por corredeiras perigosas, pedras submersas e bancos de areia traiçoeiros. Navegar por esse rio exigia habilidade, conhecimento local e um respeito profundo pela imprevisibilidade das águas amazônicas e seus muitos perigos ocultos.

Para enfrentar os desafios do rio Marañon, os nativos da região, incluindo os que auxiliavam a expedição de Wilhelm Stor, utilizavam canoas esculpidas em troncos de árvores locais. Essas canoas eram leves, ágeis e ideais para a navegação fluvial. Os remadores habilidosos manobravam suas embarcações através das correntes fortes e das passagens estreitas, conhecendo os segredos do rio que eram transmitidos de geração em geração. Stor estava navegando com um pequeno barco movido a motor diesel, o que criava um ambiente

bastante desconfortável para a tripulação, especialmente para Elsa a única mulher a bordo.

Quanto aos povos indígenas que habitavam aquela região em 1910, diversas etnias coexistiam, cada uma com suas próprias tradições, línguas e modos de vida. Grupos como os Awajún, Wampis, Cocama-Cocamilla, entre outros, eram parte integrante desse ecossistema, vivendo em harmonia com a selva e dependendo dela para suas necessidades cotidianas. Esses povos indígenas dominavam técnicas de pesca, agricultura e caça, utilizando o vasto conhecimento sobre plantas e animais para sobreviver em um ambiente desafiador. Suas comunidades, muitas vezes situadas em áreas elevadas para evitar inundações sazonais, preservavam tradições ancestrais e eram caracterizadas por uma profunda conexão com a natureza.

À medida que a expedição alemã avançava pelos meandros do rio Marañon, eles se deparavam com aldeias isoladas, onde os nativos observavam com cautela a chegada dos estrangeiros europeus. A presença dos alemães naquelas terras distantes não passava despercebida, e as relações entre os exploradores e os habitantes locais eram marcadas por uma combinação de curiosidade, desconfiança e, em alguns casos, hostilidade.

Nesse cenário exuberante e repleto de desafios, a expedição de Wilhelm Stor navegava pelas águas sinuosas do Marañon, rumo ao

coração da selva amazônica e ao mistério que aguardava na cidade perdida de Pakbatuth. O desconhecido se estendia diante deles, revelando não apenas os segredos da história antiga, mas também as complexidades e riquezas culturais das terras que exploravam.

Então se estabeleceram num pequeno povoado chamado Taboa Tahuahua as margens do rio Marañon muito próximo da fronteira entre o Equador e o Peru. Nesse vilarejo havia um jovem peruano que conhecia bem o local onde os exploradores queriam ir. Na realidade ele pertencia a uma sociedade secreta que há milênios guardava e protegia o segredo da localização da cidade perdida de Pakbatuth e, sobretudo sobre a tumba da princesa Shemmelah. Ele tinha cerca de vinte e nove anos e era formado em história na universidade de Sorbonne na França e falava fluente o francês, inglês e alemão, além é claro de um dialeto ancestral do povo da cidade alienígena e espanhol. Esse jovem se chamava Ramiro Valdez. Então depois de toda equipe montar acampamento num clareira a beira do rio. Wilhelm Stor e Elsa Bäunler traçam uma rota baseada em várias lendas indígenas e artefatos que a equipe antes deles havia adquirido em outras expedições. Stor estava muito confiante que estava no caminho certo. Ramiro estava preocupado, pois ele percebeu que Stor realmente poderia encontrar a tumba da princesa, o que poderia gerar uma catástrofe global. Ele e seus companheiros precisariam impedir o sucesso da missão. Mas, o que eles não contavam é que Stor vinha acompanhado de doze soldados bem armados e treinados:

— Amanhã iremos marchar a procura da cidade perdida de Pakbatuth e descobrir os seus grandes segredos. Mas, como eu não quero correr o risco de ser enganado por nosso guia Ramiro Valdez, que certamente tem a intensão de nos levar para o caminho errado, pois eu tenho a plena certeza que seu povoado guarda o segredo da localização a gerações. Eu vou deixar esses quatro soldados muito bem armados e treinados. Se no prazo de uma semana, eu ou alguém da minha equipe não retornar vivo com algum artefato da cidade perdida, os meus homens terão a liberdade de matar todos desse vilarejo e destruir tudo que vocês têm de sagrado aqui. Basta vocês agirem honestamente, que vocês terão minha palavra de honra que continuarão vivos e com sua rotina normal de vida, discursou Wilhelm Stor olhando atentamente para cada aldeão e pedido depois que Ramiro Valdez traduzisse para todos do povoado.

Então na manhã seguinte a equipe saiu para a expedição a pé. Pois Stor acreditava que a cidade perdida estava nas proximidades de Taboa Tahuahua. A equipe enfrentava desafios inimagináveis na densidade da floresta amazônica. A umidade sufocante, as doenças tropicais e as feras selvagens não eram os únicos obstáculos prováveis que eles poderiam enfrentar; o terreno escorregadio e as árvores impenetráveis testavam a resistência e a coragem do grupo. A cada passo, o desconhecido os aguardava, e cada descoberta era sombreada pela incerteza e perigo. E Ramiro Valdez contava com a ajuda da floresta para atrapalhar os planos de Stor. Mas, Stor era um homem

implacável e precavido, ele deixou quatro soldados no acampamento e deu ordens, se em uma semana eles não voltassem com vida ou com alguma relíquia, que os soldados exterminassem todos os habitantes da vila. Ramiro viu-se numa situação muito complexa, pois as vidas de seus amados familiares e amigos estavam em jogo. Ele não teve alternativa, senão levar Stor para tumba da princesa Shemmelah.

Wilhelm Stor, era um homem de determinação ferrenha, liderava a expedição, guiando-os com seu conhecimento arqueológico e uma convicção incansável de que a cidade perdida continha segredos que podiam moldar a história da humanidade. Sua mente racional contrastava com a curiosidade aguçada e a natureza questionadora de Elsa, uma arqueóloga brilhante e destemida, cujo olhar para o passado ecoava com um profundo respeito pela cultura e civilizações antigas. E Ramiro tentando achar um meio de se livrar de todos esses intrusos alemães. Stor acreditava, assim como Eckart, que os alemães eram uma raça pura destinada a dominar a Terra. Essas eram as sementes da doutrina monstruosa chamada Nazismo. No entanto, mesmo com a determinação de Stor, o ambiente inóspito e os desafios constantes da Amazônia testavam os limites do grupo. A falta de suprimentos, as emboscadas de animais selvagens e os perigos naturais eram apenas alguns dos obstáculos que enfrentavam diariamente. As lendas locais falavam de proteções místicas em torno da cidade perdida, o que aumentava a tensão e a sensação de que algo sobrenatural poderia estar por vir.

Enquanto a expedição avançava e os sons noturnos daquela floresta assustava o mais valente dos soldados. Mesmo com a determinação de desvendar o mistério da cidade perdida, o dilema moral pairava sobre Elsa. Afinal, a busca por conhecimento era nobre, mas as intenções por trás dela e a sombra de ideologias futuras suscitavam dúvidas sobre o propósito último da expedição e suas consequências para o mundo. Elsa não partilhava da ideologia da raça pura e temia que isso pudesse levar a trágicas consequências futuras.

A noite caía sobre a pequena clareira onde a expedição descansava na floresta amazônica. Em meio às sombras da selva, o grupo se preparava para a noite, procurando um breve alívio após um dia de desafios e perigos enfrentados. Enquanto a fumaça de uma fogueira frágil dançava sob o céu estrelado, um silêncio tenso pairava sobre o acampamento. De repente, o ar foi perfurado pelo som agudo de zarabatanas sendo disparadas. Gritos ecoaram na noite, enquanto dardos envenenados cortavam o ar, mirando o grupo de pesquisadores. Era um ataque inesperado dos nativos da região, protegendo o segredo da localização da cidade perdida de Pakbatuth. O grupo secreto a que Ramiro Valdez pertencia guardava esse conhecimento ancestral e estava disposto a protegê-lo a qualquer custo. Enquanto os dardos voavam e o veneno agia, a luta pela sobrevivência se desenrolou na clareira. Os alemães, munidos de armas modernas, enfrentaram os nativos que usavam métodos tradicionais de guerra. A escuridão era cortada por flashes de disparos e a fumaça das armas de fogo.

A batalha era uma colisão entre dois mundos, entre a tecnologia avançada e os métodos tradicionais de luta. Apesar da ferocidade do ataque e da valentia dos nativos, a vantagem estava do lado dos soldados alemães, que com suas armas de fogo modernas e treinamento militar, conseguiram repelir o ataque. Os nativos davam altos gritos de guerra para deixar os alemães atordoados. Mas, Stor em sua total frieza e controle da situação conseguiu acalmar os soldados que não estavam acostumados com aquele tipo de ataque e com plena concentração, os alemães foram eliminando com tiros de armas de fogo cada nativo do grupo secreto de Valdez. Então O silêncio retornou à clareira, mas agora pesado com o peso do conflito. Os alemães, embora vitoriosos na batalha, olhavam para os rostos preocupados de seus companheiros feridos, cientes de que estavam diante de algo muito maior do que uma simples confrontação na selva.

Esse ataque serviu para deixar Stor mais confiante que estava no caminho certo. Ele teve três soldados que morreram envenenados, mas ele ganhou a primeira batalha daquela guerra. E Ramiro Valdez percebeu que o poder de fogo dos alemães era muito mais mortal que ele imaginava. Entre os indígenas mortos naquele ataque, Ramiro reconheceu seu sobrinho, Gonzalo, que tinha apenas dezesseis anos de idade. Ele tinha que guardar o luto para si e não demonstrar que estava ciente do ataque e que reconhecia aqueles nativos, realmente foi uma noite muito traumática para ele e seu povo. Ramiro sabia que na manhã seguinte, Stor enfim encontraria o sarcófago da princesa e ele

não podia fazer nada para impedir. Mas, por ele sabia que sem a chave de cristal, ninguém conseguiria acordar a princesa de seu sono criogênico.



O sarcófago da princesa Shemmelah

Na manhã seguinte revelou-se um acampamento tenso e semidestruído pela noite de batalha com os nativos. O grupo se recuperou do ataque dos indígenas, e o olhar preocupado de Wilhelm Stor refletia a incerteza do que ainda estava por vir, visto que a floresta tinha muitas armadilhas e perigos inexploráveis. Ramiro Valdez, percebendo a apreensão do líder alemão e sabendo que a parte final da viagem seria mais perigosa, especialmente a noite, aconselhou Stor:

— Herr Stor, nós não podemos ficar aqui nos lamentamos. Se quisermos alcançar a cidade perdida, devemos seguir adiante o mais rápido possível, pois a noite é como uma serpente traiçoeira tentando nos abocanhar a cada instante. Temos que encontrar, quer a cidade, ou uma próxima clareira com a luz do dia. A floresta é muito traiçoeira a noite", disse Ramiro com uma mistura de resolução e apreensão.

Stor concordou plenamente com Ramiro e então o grupo retomou a marcha pela selva, guiado por Ramiro Valdez. A atmosfera estava carregada com a tensão da noite anterior e a expectativa do desconhecido que aguardava na densidade da floresta. Após horas de uma jornada desafiadora, o grupo emergiu em uma clareira, e diante deles, erguia-se um mausoléu grandioso de pedras, majestoso e misterioso. Era o lugar que Ramiro Valdez havia guardado como um segredo ancestral, o local onde o sarcófago da princesa Shemmelah

estava repousando. O que ninguém sabia, inclusive o próprio Ramiro, é que essa princesa alienígena não estava morta, ela estava num estado de sono profundo e o sarcófago na realidade era um espécie de urna criogênica.

Wilhelm Stor, Elsa Bäunler e os soldados alemães olharam com admiração e surpresa para a imponente estrutura diante deles. Era um testemunho da habilidade arquitetônica das civilizações antigas, um símbolo do passado que se erguia majestosamente no presente. O mais incrível segundo Elsa, que apesar de estarem no Peru, os símbolos eram dos maias mexicanos. Ramiro Valdez então indicou com um gesto solene em direção ao mausoléu. "A resposta que Herr Stor procura está lá dentro. Mas eu não me atrevo entrar, pois existe a lenda de uma grande maldição para quem entrar no mausoléu. Eu não me atrevo a desafiar os avisos dos povos antigos."

Wilhelm Stor não havia cruzado aquela imensa distância de Berlim até aquele lugar para se amedrontar com superstições de nativos. O grupo avançou cautelosamente, a expectativa pairando no ar enquanto se aproximavam do mausoléu. As portas de pedra rangiam quando se abriam, revelando uma escuridão profunda no interior. Então o grupo acendeu seus lampiões de querosene para iluminar o lugar. À medida que o sol se colocava firme no céu, pois era por volta das duas horas da tarde, a luz solar que penetrava através de pequenas fendas iluminava um corredor adornado com inscrições antigas e símbolos

misteriosos de origem maia e alguns deles de origem certamente alienígena. O lugar estava impregnado de uma sensação de misticismo e de uma estranha áurea no ar. Elsa não perdeu tempo e fotografou tudo que podia ver, para depois em Berlim tentar decifrar aqueles segredos com mais calma.

Finalmente, chegou à câmara central, onde estava o sarcófago da princesa Shemmelah. Era uma estrutura majestosa, coberta por ornamentos intrincados e símbolos que faziam alusão a uma conexão com o divino e o desconhecido. Wilhelm Stor, com olhos brilhando de fascinação, examinou cada símbolo e desenho do sarcófago. Elsa Bäunler, consciente das responsabilidades que sua descoberta carregava, olhou ao redor com uma mistura de curiosidade e respeito. Ela no fundo temia que tudo aquilo tivesse uma origem alienígena e pudesse esconder um grande poder. Eckart tinha ambições estranhas e um conceito muito mortífero para um futuro somente de germânicos na Terra.

Então, diante do sarcófago que continha os segredos de séculos passados, o grupo precisava levar aquela descoberta para Berlim de maneira totalmente clandestina. Não era a cidade perdida que eles tanto buscavam, mas aquela relíquia era um prêmio valioso demais para correr algum risco de perdê-los para os peruanos ou britânicos.

Com extremo cuidado, o grupo de exploradores alemães, liderado por Wilhelm Stor, guiou uma carroça de quatro rodas, puxada pelos

nativos do povoado de Ramiro, até o mausoléu que abrigava o sarcófago da princesa Shemmelah. A ansiedade era palpável enquanto a relíquia milenar era retirada do mausoléu e colocada com cuidado na carroça. Antes de partirem, Ramiro Valdez, conhecedor da língua e cultura locais, decidiu traduzir uma inscrição adicional que encontrara durante a exploração do mausoléu. As palavras antigas revelaram uma advertência que lançou uma sombra sobre a excitação de Wilhelm Stor:

— Princesa vinda das estrelas, com terrível desejo de poder. Não a acordem, pois ela trará a morte para todos, anunciou Ramiro, sua expressão grave refletindo a seriedade da mensagem.

Essas palavras lançaram uma nuvem de incerteza sobre o grupo. Elsa Bäunler olhou apreensiva para Wilhelm, preocupada com as possíveis consequências da busca pelo conhecimento além das estrelas. Mas, o brilho nos olhos de Stor indicava uma determinação inabalável. A advertência, ao invés de desencorajá-lo, alimentou sua curiosidade e ambição.

Já eram três horas da tarde, não daria tempo de chegar ao ponto de partida ainda com a luz do dia. E a volta seria muito mais lenta, pois eles iriam levar a urna com a princesa. Então montaram acampamento em torno do mausoléu e Elsa acompanhada de um soldado chamado Hans Wolms e Valdez, aproveitou para entrar na estrutura e pesquisar mais a fundo. A câmara principal da cidade perdida estava mergulhada